

---

# Ensino de História e educação não formal: o fenômeno das videoaulas do YouTube

*Teaching History and non-formal education: the YouTube video phenomenon*  
*Enseñanza de Historia y educación no formal: el fenómeno de las video clases de YouTube*

**João Oliveira Ramos Neto**

Instituto Federal Goiano  
[joaooliveiramosneto@gmail.com](mailto:joaooliveiramosneto@gmail.com)

**Júlya Pereira de Sá**

Instituto Federal Goiano  
[julyapereira0904@hotmail.com](mailto:julyapereira0904@hotmail.com)

## Resumo

*Este artigo é resultado de uma pesquisa que investigou o fenômeno das videoaulas de História do YouTube. O primeiro passo, portanto, foi descobrir em qual perspectiva se encaixa tal estudo, o que promoveu um introdutório debate teórico. Em seguida, fizemos uma pesquisa sobre a relação dos alunos dos cursos técnicos do Instituto Federal Goiano com as videoaulas de História do YouTube. E, por fim, na análise dos resultados encontrados, constatou-se que os estudantes conciliam videoaulas do YouTube com aulas tradicionais da escola e privilegiam as videoaulas que utilizam vários recursos midiáticos e interativos.*

Palavras-chave: *Ensino de História, Educação não formal, Videoaula, YouTube.*

## Abstract

*This article is the result of research that investigated the phenomenon of video class of History in YouTube. The first step, therefore, was to discover in which perspective such a study fits, prompting an introductory theoretical debate. Then we did a research about the relationship of the students of the technical courses of the Federal Institute Goiano (Instituto Federal Goiano) with the videos of History of YouTube. And, finally, the analysis of the results found. Students were found to reconcile YouTube video class with traditional school lessons and privilege video class that utilize various media and interactive features.*

Keywords: *History education, non-formal education, video class, YouTube.*

## Resumen

*Este artículo es el resultado de una investigación que estudió el fenómeno de las video clases de Historia de YouTube. El primer paso, por lo tanto, fue descubrir en qué perspectiva se encaja tal estudio, lo que promovió un introductorio debate teórico. A continuación, hicimos una investigación sobre la relación de los alumnos de los cursos técnicos del Instituto Federal Goiano con los videos clases de Historia de YouTube. Y, por último, el análisis de los resultados encontrados. Se constató que los estudiantes concilian video clases de YouTube con clases tradicionales de la escuela y privilegian las que utilizan varios recursos mediáticos e interactivos.*

Palabras clave: *Enseñanza de Historia, Educación no formal, Video Clase, YouTube.*

## Introdução

Realizando nosso trabalho como docente de História, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano [IF Goiano], campus Uruaíta, percebemos um fenômeno em crescimento: o consumo de videoaulas de História do *YouTube* pelos alunos, especificamente por adolescentes do Ensino Médio. Foi justamente do desejo de pesquisar esse tema para aprofundar sua compreensão que inicialmente nasceu este projeto de iniciação científica, cujo texto em curso é o seu relatório, que foi aprofundado posteriormente para divulgação.

A primeira dúvida, porém, foi: qual o suporte teórico para estudarmos as videoaulas de História? Seria objeto do campo do ensino de História ou do campo de História Pública? Por essa dúvida, inicialmente, este projeto tinha como título provisório *Ensino de História e História Pública: o fenômeno das videoaulas*, pois o objeto de pesquisa eram as aulas de História disponibilizadas no sítio eletrônico *YouTube*. Este título, porém, se tornou insuficiente. O primeiro passo, portanto, foi descobrir em qual perspectiva se encaixa tal estudo, o que promoveu um introdutório debate teórico. Em seguida, fizemos uma pesquisa sobre a relação dos alunos com as videoaulas de História do *YouTube*. E, por fim, a análise dos resultados encontrados.

## Discussão teórica

Muitos são os projetos de aulas de História na internet atualmente. Entre eles, destacamos canais como o *Mundo Edu*, *Aula Livre*, *Se liga nessa História* e até mesmo canais individuais, como da *Débora Aladim*, aluna do

curso de História da UFMG que já tem 1.500.000 seguidores e seus vídeos de resumos de História costumam ter uma média de 1 milhão de visualizações. Em alguns casos, a História é evocada como argumentação e, nesses casos, cativa os adolescentes através de um ar de teoria da conspiração, como quem diz que eles estão sendo enganados pelos seus professores, que são, na verdade, doutrinadores comunistas e que, diante disso, os próprios *youtubers* seriam paladinos da verdade, fazendo revelações que livrariam o adolescente do obscurantismo. Nessa pegada que canais como *Mamãe Falei*, *Movimento Brasil Livre* e pessoas individuais, como *Nando Moura*, ensinam que Nazismo foi um movimento esquerdista, a ditadura militar não foi negativa para a História do Brasil, a crise de 1929 foi causada pelo Estado intervencionista e Karl Marx seria um teórico totalmente desqualificado para explicar a sociedade, afinal, a luta de classes jamais existiu. Os adolescentes, imaturos, não percebem o pertencimento ideológico desses autores que, ignorando seus lugares de fala, são apresentados como supostamente neutros.

O *YouTube* foi criado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, ex-funcionários do site de comércio on-line PayPal em 2005. Segundo Burgess e Green (2009), a inovação do *YouTube* não estava em ser uma plataforma de publicação de vídeos na internet, mas no fato de eliminar barreiras tecnológicas para os usuários: “O YouTube não estabeleceu limites para o número de vídeos que cada usuário poderia colocar on-line via *upload*” (BURGESS; GREEN, 2009, p. 17), sem contar que também permitia “que os vídeos pudessem ser facilmente incorporados em outros sites, um diferencial” (BURGESS; GREEN, 2009, p. 18).

Os mesmos autores também informam que maioria das versões da história do *YouTube* “se encaixa no mito dos empreendedores de garagem do Vale do Silício, nos quais a inovação tecnológica e comercial brota de jovens visionários trabalhando fora das empresas já sedimentadas” (BURGESS; GREEN, 2009, p. 18). O sucesso mundial, então, explodiu em 2006, “quando o Google pagou 1,65 bilhão de dólares pelo *YouTube*” (BURGESS; GREEN, 2009, p. 18).

A nossa pesquisa teórica, então, percebeu que a diversidade de vídeos de História que a plataforma do *YouTube* disponibiliza não permite restrin-

gi-los a um único campo de análise. Na verdade, depende do recorte que for feito pelo pesquisador, ou seja, de quais os tipos de vídeos que serão analisados. Vejamos algumas proposições abaixo.

*Primeiro grupo – vídeos de memória:* quando se trata de vídeos de determinados grupos ou *youtubers* com considerável participação política, em que o objetivo principal não seja ensinar o saber histórico, mas usá-lo como prerrogativa para sustentar seus argumentos, então é recomendável que a pesquisa trabalhe com a *consciência histórica*. É o caso, por exemplo, de canais políticos, como o canal do *MBL – Movimento Brasil Livre, Brasil Paralelo*, ou do canal *Ideias Radicais*. Geralmente esses canais são revisionistas. O termo, vídeos de memória, é em alusão ao fato de serem vídeos baseados no uso das memórias. O canal *Ideias Radicais*, por exemplo, é apresentado por Raphaël Lima que, em um dos seus vídeos, faz uma revisão da crise de 1929 para sustentar que não foi um colapso do capitalismo liberal.

A consciência histórica, definida introdutoriamente, seria “a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam a sua experiência de evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de tal forma que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo” (RÜSEN, 2001, p. 57). A consciência histórica está presente em toda pessoa e é construída tanto com o conhecimento oferecido na sala de aula como aquele oferecido fora dela. Por causa disso, consciente ou não, em cada pessoa a consciência histórica articula presente, passado e futuro. Entre esses três tempos, partimos do presente para então levantarmos questões e problemas que tendem a nos imergir no passado em busca de respostas. Identificando as possíveis respostas dadas pelo passado, construímos uma resposta para as questões atuais e, conseqüentemente, projetamos nossas expectativas de transformação e permanência para o futuro. Seja individualmente, seja em grupo, o que implica até mesmo a memória de um país, o passado é sempre acionado, não só como elemento interpretativo do presente, mas como orientador de futuros.

*Segundo grupo – vídeos de consumo:* alguns canais são utilizados para divulgar o saber histórico para um público não iniciado. Neste caso, a análise poderá partir de conceitos da História Pública. De acordo com a literatura especializada, o termo *Public History* começou a ser utilizado nos Estados

Unidos, em meados dos anos 1970, no âmbito da Universidade de Santa Bárbara, na Califórnia. Robert Kelley, então professor naquela instituição, passou a usar o termo para se referir à atuação de historiadores e do método histórico fora da academia. No Brasil, a História Pública conheceu um verdadeiro *boom* nos últimos cinco ou seis anos. Para isso, muito contribuiu o Curso de Introdução à História Pública, oferecido na Universidade de São Paulo, em 2011, pelo Núcleo de Estudos em História da Cultura Intelectual, então coordenado pela professora Sara Albieri.

A História Pública, portanto, é uma forma do historiador profissional engajar diferentes públicos não especialistas com o conhecimento histórico, de forma crítica, participativa e emancipatória, utilizando para isso os mais diversos recursos tecnológicos e metodológicos. Sobre a História Pública existem as obras de Almeida e Rovai (2011) e Mauad e Almeida (2016). Neste grupo estão, por exemplo, canais como o *Nostalgia*, apresentado por Felipe Castanhari, que apresenta vários vídeos dinâmicos sobre temas históricos; *Leitura Obriga História*, que divulga livros acadêmicos de História e o canal *Buenas Ideias*, do jornalista Eduardo Bueno, que conta de forma sarcástica a história do Brasil. Neste grupo também estão aqueles canais que divulgam documentários, como *Documentários em HD* ou *Portal Documentários*. Interessante também destacar canais como Impérios AD e DGP Mundo, que divulgam o conhecimento histórico no *YouTube* por meio de desenho animado.

*Terceiro grupo - videoaulas:* Aqui se encontram os canais cujo objetivo declarado é ensinar história, como as videoaulas em si, que é nosso objeto. Sobre videoaulas no *YouTube*, “os vídeos com conteúdo educacional disponibilizados no *YouTube* priorizam a combinação da linguagem verbal e textual, apresentando-se num formato de aula expositiva, onde o professor explica o conteúdo” (SCHNEIDER et al, 2012, p. 4). Entendemos que seria mais adequado usar os conceitos do *ensino de História*. Isso porque, neste caso, as videoaulas de História se encaixam no conceito de *educação não formal*. É o caso, por exemplo, do canal *Nerdologia*, que não alisamos nesta pesquisa. É importante explicitar, porém, que essas videoaulas não se configuram nem no campo de ensino EaD, nem no de *E-learning*.

A videoaula veiculada pelo *YouTube* não pode ser confundida com a

modalidade EaD, ou *E-learning*, por vários motivos. A modalidade EaD é institucional, segue um currículo e um regulamento que prevê formas de avaliação (MATTAR, 2009). A videoaula do *YouTube* não tem nenhum compromisso formal e também não é mediada por nenhuma instituição educacional. A não ser, é claro, quando é uma instituição que forma um canal no *YouTube*. Nesse caso, ela faz isso para divulgação, e não para formação. Ela passa informação sem o compromisso de gerar conhecimento.

Além disso, na EaD há uma relação entre o professor e o aluno, que não há na videoaula. Alguém pode alegar que na videoaula do *YouTube* o professor interage por meio dos comentários. Porém, novamente, passa-se por alguns critérios. Na EaD o professor tem obrigação de fazer a mediação, até mesmo porque ele está recebendo pra isso. No *YouTube*, o professor responde e interage se quiser, podendo inclusive ignorar e deletar um comentário que não julgar pertinente. Além disso, na videoaula, não há compromisso financeiro, pois quem veicula os vídeos não tem um salário e age mais motivado em ficar conhecido do que em ter retorno financeiro propriamente dito.

Por fim, na EaD há um critério para seleção do professor facilitador, que não acontece com aquele que grava uma videoaula. Dessa forma, enquanto a EaD (ou *E-learning*) é uma plataforma de ensino formal, oferecida por alguma instituição de ensino, e ministrada por professores devidamente habilitados para isso, o *YouTube* é um ambiente não formal, inclusive porque não é exigida nenhuma titulação daqueles que gravam vídeos se apresentando como professores.

Por outro lado, isso não significa que não exista vídeo de EaD no *YouTube*, o que é diferente. O *YouTube* não é uma plataforma EaD, mas contém vídeos de EaD. É possível que uma instituição formal de ensino, como a Univesp, que às vezes está ligada à Universidade Aberta do Brasil, produza conteúdos de aula na modalidade EaD e, posteriormente, ela é divulgada no *YouTube*. Porém, ela não foi inicialmente produzida para o *YouTube*. Ela foi produzida para o programa institucional EaD e só depois ela foi divulgada no *YouTube*. Os vídeos que se encaixam no terceiro grupo, videoaulas do *YouTube*, são aqueles vídeos produzidos por iniciativa individual – e não institucional – e que foram feitos, desde o início, com o propósito de serem

divulgados no *YouTube*.

Não se pode, portanto, agrupar todos os vídeos do *YouTube* que se utilizam da História de forma igual. É importante tal distinção. Além disso, por se tratar de vídeo, e por este ser também um produto, inclusive que proporciona retorno financeiro para seus produtores, é importante dialogar com conceitos típicos da História e Cinema, como aqueles propostos pelo historiador Marc Ferro (1983).

Dessa forma, o título do projeto mudou para *Ensino de História e Educação Não formal: o fenômeno das videoaulas do YouTube*. Inclusive, acrescentamos que o objeto de pesquisa são as videoaulas do *YouTube* para não confundir com videoaulas da EaD, que, por sua vez, já se constitui em outro campo de estudo dentro do ensino, como os TICs ou o *E-Learning*.

Dessa forma, no campo da História, o *YouTube* não pode ser automaticamente inserido no universo dos TICs. Quando se trata do segundo grupo, vídeos de consumo, que um determinado professor utiliza em sua aula como ferramenta de ensino - como as diversas animações que são disponíveis - ele pode, sim, ser incluído nos TICs. Mas, quando se trata da videoaula, ela não é uma ferramenta utilizada pelo professor, mas uma espécie de concorrente. Até porque, os alunos questionam a legitimidade da aula formal do professor como base no seu conteúdo adquirido na videoaula.

Por fim, os vídeos de memória não são TICs, porque estão muito distantes do ensino de História. O conhecimento divulgado pelos vídeos de memória não torna o aluno que consome essas informações um protagonista no processo de aprendizagem, pois, neste caso, quando o conhecimento adquirido está errado, ou uma memória é dada como fato, ele não é um saber prévio, mas um preconceito. Ou seja, o *YouTube* contém vídeos que se caracterizam como TICs, mas o *YouTube*, em si, não pode ser totalmente englobado como ferramenta TIC.

## Metodologia

Definida a questão teórica, realizamos uma pesquisa com os alunos do Instituto Federal Goiano, Campus Urutaí, para saber se eles consumiam essas videoaulas, quais os principais canais assistidos e com qual frequên-

cia. A pesquisa perguntou aos alunos se eles assistem ou não a videoaulas de História no *YouTube*, a frequência, e quais são os canais mais assistidos. Na segunda parte, questionou-se se eles confiavam no conteúdo consumido, a preferência, se ele já identificou conflito entre os conteúdos e a influência em sua vida escolar. A pesquisa encontrou as respostas abaixo.

Quando questionados sobre assistirem a videoaulas de História no *YouTube*, o resultado ficou bem dividido. 49,37% responderam que assistem, contra 50,62% que responderam não consumi-las. Esse dado precisa levar em consideração que se trata de uma região rural e, portanto, muitos alunos não assistem por não terem acesso à internet. Na próxima pesquisa, deverá ser acrescentada uma questão indagando se os alunos que não assistem assim o fazem por opção ou por falta de opção.

A segunda questão perguntava a frequência. 62,58% responderam que assistem a videoaulas de História somente em véspera de provas. 16,32% responderam que assistem muito raramente. E 31,08% responderam que assistem mensalmente, enquanto 6,8% responderam que assistem semanalmente. Nenhum aluno respondeu que assiste todos os dias. A soma apresenta resultado acima de 100% porque os alunos marcaram mais de uma alternativa na resposta, provavelmente sobrepondo mensalmente a semanalmente.

A pergunta posterior quis saber quais os vídeos mais acessados. Novamente, a soma ultrapassa 100% porque os entrevistados marcaram mais de uma alternativa. Os seguintes canais lideraram as respostas: 30,61% disseram que assistem a videoaulas de História do canal *Descomplica*. 21,63% do canal *Débora Aladim*. 19,18% assistem ao canal *Se Liga Nessa História*. E, por fim, 28,75% marcaram outros canais, como *Aula Livre*, *Mundo Edu* e *Nostalgie*.

Questionados sobre a confiabilidade dessas aulas, 49,36% responderam que as aulas são parcialmente confiáveis, enquanto 39,24% responderam que são totalmente confiáveis, contra 11,39% que afirmaram que as videoaulas não são confiáveis. E, então, uma pergunta polêmica: qual era a preferida? Videoaulas do *YouTube* ou as aulas da escola. 66,66% responderam que gostam das duas, 5,76% respondeu que não gosta de nenhuma, 10,89% responderam que gostam mais da aula do YouTube e 16,66% res-

ponderam que gostam mais da aula da escola.

Os alunos também foram questionados se já identificaram conflitos entre as informações veiculadas pela aula ministrada pelo professor da escola e as informações veiculadas pelo *YouTube*. 7,59% responderam que sempre identificam conflitos. 60,75% responderam que às vezes identificam conflitos. 31,64% responderam que não identificaram conflitos. E, então, foi questionado se, quando identificam conflitos, em qual preferem confiar. 8,17% responderam que acreditam mais na aula do *YouTube*, enquanto 91,82% responderam que acreditam mais na aula do professor da escola. E a última pergunta queria saber: você já tirou nota alta em avaliações por ter assistido a uma videoaula antes da prova? 77,63% responderam afirmativamente, contra 22,36%. Como recorte, analisa-se a seguir os três canais com maior audiência: *Descomplica*, *Débora Aladim* e *Se Liga Nessa História*.

## Análise

Como afirmamos, analisamos os três canais mais votados pelos alunos: *Descomplica*, *Débora Aladim* e *Se Liga Nessa História*. O número de vídeos postados por cada um é enorme, e seria impossível analisar todos eles. Por isso, escolhemos as videoaulas de temas em comum para os três que, também, estão entre os mais visualizados entre eles: Primeira Guerra Mundial, Segunda Guerra Mundial e Era Vargas.

A plataforma *Descomplica* foi criada no ano de 2011 pelo professor Marcos Fisbhen, tendo como objetivo fazer do aprendizado contínuo uma estratégia de crescimento. O *Descomplica* acabou tornando-se uma das maiores salas de aula online do mundo, possuindo atualmente 2.081.653 inscritos na plataforma do *YouTube* e mais de 20.000 videoaulas gravadas. Nele é possível encontrar revisões de matérias escolares, vídeo aulas referentes aos mais variados tipos de conteúdos, além de um vasto material de estudo para o aluno obter êxito em vestibulares, com foco principal no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). A equipe do canal é vasta e possui uma plataforma online avulsa ao *YouTube*, onde existem cursos pagos de preparatório para o ENEM. Com foco principal nos estudos, o *Descom-*

*plica* acabou criando cinco categorias de preparação: Escolas, Vestibulares, Universidades, Concursos e Pós-Graduação.

Possuindo uma metodologia diferente daquelas vistas em escolas, o canal ensina de forma simplificada e divertida, o que acaba instigando o aluno a estudar por vontade própria, sendo estimuladas a aprender sobre cultura, diversidade e, claro, as matérias essenciais para se sair bem em exames decisivos para a vida acadêmica. O canal *Descomplica* é composto por uma vasta equipe de professores que ensinam pelo método virtual todos os dias durante o ano todo. Dentre as formas de ensino estão: textos simplificados, aulas ao vivo, videoaulas semanais e também com atendimento pessoal.

O terceiro canal é da *Débora Aladim*, onde são disponibilizados vídeos semanais educativos e interativos ao mesmo tempo. Contando com conteúdos como “vlogs” de viagens, ajuda para escrever uma boa redação e conteúdos históricos, além de conteúdos descontraídos, ou conversas com os inscritos. Cinco anos após seu início na mídia educativa, a estudante de história já conta com 1.915.935 inscritos em seu canal, além de possuir o status de estar entre os cinco maiores canais educativos do Brasil.

Aos quinze anos de idade, Débora Aladim iniciou sua jornada pela plataforma *YouTube*. Através de vídeo aulas gravadas por ela com o incentivo de ajudar seus colegas de classe, começou a atingir um público maior do que o esperado. Débora também criou um método inédito e eficaz para que qualquer pessoa possa escrever uma boa redação modelo ENEM. Já escreveu apostilas sobre o assunto e fez aulas para o Ministério da Educação em 2016, além de trabalhos com outras grandes marcas da educação e produtos voltados ao seu público.

Por fim, o canal *Se Liga Nessa História* é um projeto educacional que atua em duas frentes: um canal no *YouTube* e a plataforma de estudos com um curso completo de Ciências Humanas (História, Filosofia, Sociologia e Geografia). No *YouTube*, são publicados vídeos sobre temas importantes das 4 disciplinas e áreas afins, além de orientações e dicas para os vestibulares e para o ENEM. Já na plataforma de estudos, é oferecido um curso completo, com videoaulas aprofundadas e recursos pedagógicos como materiais e exercícios. Cada vez mais o canal vem crescendo no *YouTube*,

já contando com 939.218 inscritos e sendo considerada a maior sala de aula de ciências humanas do Brasil. A equipe do canal *Se liga nessa história* é formada por quatro professores que lecionam as disciplinas de História, Filosofia, Sociologia e Geografia.

Dos quatro professores, o mais famoso é o professor Walter. Paulista, formou-se em História em uma universidade pública e logo após já iniciou sua carreira lecionando para crianças de onze a dezessete anos, mas percebia que não havia tanto interesse por parte dos alunos nas disciplinas de ciências humanas. Pensando nisso, ele começou a desenvolver uma nova forma de ensino com um antigo colega de faculdade. O projeto consistia em gravar aulas e publicar de forma gratuita na internet, então deram o nome de *Se liga nessa história*. Em seis meses mais de cinco mil estudantes já estavam inscritos no canal, e o objetivo de Walter foi atingido. Juntando-se a mais três profissionais da área, conseguiu alavancar seu trabalho, atingindo alunos no Brasil todo.

## Discussão dos resultados

O primeiro tema analisado foi *A Era Vargas*. O canal *Descomplica* apresenta um método diferente dos outros dois, é desenvolvido um vídeo completamente interativo que utiliza desenhos, mapas mentais e *memes*, o que faz com que os jovens fixem sua atenção no conteúdo e relembrem do que foi falado de forma fácil. As informações são organizadas em mapas mentais bem coloridas e cheias de informações, com fotos, datas e movimentos destacados. Neste vídeo foram explicados os governos empregados na era Vargas, e também os acontecimentos desta época.

Já o canal *Débora Aladim* possui um vídeo sobre este tema explicado de forma mais teórica que interativa. Neste canal, a qualidade visual é inferior, porém o conteúdo é completo, mas com menos edições e acessórios chamativos. Com uma aula completa sobre a Era Vargas, Débora consegue passar um conteúdo mais adequado para estudos visando a provas. Existem muitas informações que completam os outros canais, também estão presentes curiosidades e exemplos em fotografias, e leituras de livros.

O canal *Se liga nessa história*, assim como o *Descomplica*, apresenta um

conteúdo bem desenvolvido em pouco tempo, é notável que a concentração fixa-se melhor com formas de vídeo interativas, com edições chamativas e efeitos sonoros. O professor Walter passa bem seu conteúdo, oferecendo dicas e demonstrando objetos de forma descontraída. É bem presente a questão da didática em todos os vídeos, sendo possível aprender bem de forma rápida e interativa.

Já o tema da Primeira Guerra Mundial não foi diferente. Novamente o canal *Descomplica* apresenta um método de interação criativo, apresentando mapas mentais com desenhos de soldados, tanques de guerra e dicas essenciais que fixam no pensamento. O método apresentado utiliza de sons, mapas mentais e conteúdos de fixação. São demonstradas datas, locais e figuras ilustrativas acompanhadas de uma narrativa descontraída e simples.

O canal Débora Aladim, assim como no vídeo anterior, apresenta um conteúdo mais complexo e elaborado, descrevendo de maneira formal o assunto em questão. São demonstradas imagens ao longo da videoaula juntamente com as explicações orais redigidas pela mesma. Dicas e macetes são acrescentados às suas explicações, o que chama a atenção dos alunos que necessitam de uma aula mais elaborada.

Assim como na maioria de seus vídeos, o canal *Se liga nessa história* procura formas de interagir com o público através do humor, fantasias e caracterizações são utilizadas para o entretenimento enquanto a explicação percorre caminhos de fácil entendimento ao aluno, trazendo como sempre o bom resultado proveniente das videoaulas.

Por fim, o tema da Segunda Guerra Mundial é explorado no canal *Descomplica* através de elementos como efeitos sonoros, mapas mentais, desenhos ilustrativos e demonstrativos ainda fazem parte da composição do vídeo aulas desta plataforma. No vídeo sobre a Segunda Guerra Mundial, o canal buscou a complementação do vídeo sobre a primeira guerra dando uma continuação nos acontecimentos, levando o aluno a compreender o que se passava na época em questão.

Assim como em seus outros vídeos, Débora Aladim persiste explicando os conteúdos de forma elaborada, fazendo com que seus vídeos tenham uma extensão maior, geralmente em torno de trinta minutos. Em suas

aulas são demonstrados macetes e questões do ENEM, sempre buscando o aprendizado para vestibulares. Na videoaula sobre a Segunda Guerra Mundial, a apresentadora proporciona uma visão por trás dos fatos ocorridos com demonstração de imagens e explicações advindas de livros históricos. Já no canal *Se liga nessa história*, o conteúdo ainda é abordado com bastante humor, transformando o aprendizado em uma coisa divertida, unindo a contemporaneidade como super-heróis e também questões abordadas no ENEM. Neste canal é possível encontrar resoluções de exercícios de vestibulares de forma elaborada e bem explicada.

### Considerações finais

O tema da tecnologia em sala de aula não é novidade. Ele tem sido objeto de investigação nas diferentes áreas. A maior parte das pesquisas, porém, é sobre o uso de vídeos nas aulas. Quando se trata da disciplina de História, fala-se muito na utilização de filmes como aporte para as aulas teóricas. Afinal, não faltam filmes de temas históricos variados. Por outro lado, não encontramos pesquisas sobre o fenômeno que tem sido a utilização de videoaulas por alunos. Cada vez mais professores, leigos e historiadores não profissionais disponibilizam aulas no *YouTube*, que são assistidas por alunos para se prepararem melhor para as provas. Dessa forma, o tema precisa ser investigado pela academia. Nesse sentido, essa pesquisa se propôs a ser o primeiro passo, e não uma resposta final, pronta ou acabada.

Os professores de história, muitas vezes, privilegiam as pesquisas tradicionais, em que o texto escrito é o documento monumento. Essa pesquisa, porém, não é suficiente para o mundo atual, em que adolescentes consomem cada vez mais informações da internet. Uma característica dessa geração, portanto, tem sido a de consumir cada vez mais informações sobre diversos assuntos, mas de forma superficial, sem dominar com profundidade nenhuma delas. Alguns historiadores vêem esse fenômeno como positivo, pois ajuda a divulgar a História acadêmica para o público em geral. Outros historiadores, porém, vêem como negativo, em que são disseminados conteúdos equivocados como sendo verdadeiros.

A nossa prática docente no cotidiano escolar tem demonstrado que nem sempre isso tem oferecido um resultado positivo. Em alguns casos, mensagens erradas são veiculadas como corretas. Alguns alunos, então, questionam o professor, que não considerou sua resposta como correta, uma vez que aquela resposta que o aluno questionador colocou na prova foi o argumento apresentado pelo professor da internet, e não explicada em aula. Existe uma noção de que o professor da internet, ainda que tenha uma formação inferior, domina melhor o conteúdo que o professor que está presencialmente na sala de aula.

Por que isso acontece? Uma hipótese é que, na sala de aula, o aluno tem um primeiro contato com aquele conteúdo. Quando ele vai para a aula da internet, ele já tem um conhecimento prévio da sala de aula. Isso o ajuda a assimilar melhor o conteúdo. Por causa disso, ele passa a ter a impressão que o professor da internet é melhor que o seu próprio professor para explicar.

O que se nota entre os canais mais assistidos é uma preocupação com o dinamismo, característico do período de superexposição à mídia que vivemos. As videoaulas oferecem recursos que uma aula tradicional, em geral, não oferece. Um professor de um canal do *YouTube*, geralmente, vive por conta de gravar uma única videoaula, que alcança milhares de pessoas, enquanto o professor escolar ministra dezenas de aulas por semana. Além disso, os canais que mais fazem sucesso contam com uma equipe especializada em edição de vídeos, que faz com que a videoaula tenha o dinamismo que uma aula tradicional não suporta. Até porque, um professor escolar também tem outras atividades – como elaboração e correção de provas – que um *Youtuber* não precisa se preocupar.

Então, é provável que tentar reproduzir o dinamismo do *YouTube* em uma sala de aula tradicional iria levar o professor ao fracasso, já que são espaços completamente diferentes. Simplesmente desqualificá-las também não será o melhor caminho, já que os alunos continuarão consumindo tais informações, sem poder esclarecer os equívocos com o professor.

O que, provavelmente, seja o melhor caminho, é a conciliação. Isto é, a possibilidade do professor trazer o conteúdo que os alunos aprendem nas videoaulas para serem debatidos na sala de aula tradicional, à luz da biblio-

grafia especializada, que o professor domina. É interessante o professor conhecer para verificar o que ele pode aprender e para corrigir eventuais erros com seus alunos. Ao invés de criticar, pode debatê-las em sala de aula também. Portanto, possibilitar, na aula regular, um espaço para que o aluno compartilhe o conhecimento que adquiriu naquelas aulas. Ao invés de serem vistas como concorrentes, as duas modalidades podem trabalhar juntas.

## Referências

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. *Introdução à história pública*. São Paulo: Letra e voz, 2011.

BURGESS, J.; GREEN, J. *Youtube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. São Paulo: Aleph, 2009.

FERRO, Marc. *A manipulação da História no ensino e nos meios de comunicação*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.). *História pública no Brasil: Sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016,

MATTAR, João. *Youtube na educação: o uso de vídeos em EAD*. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi. Relatório de pesquisa. 2009.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora da UnB, 2001.

SCHNEIDER, Catiúcia Klug; CAETANO, Lélia; RIBEIRO, Luis O. M. Análise de vídeos educacionais no YouTube: caracteres e legibilidade. *Revista novas tecnologias na educação*, v. 10, n. 1, jul. 2012.